



*este livro  
pertence a*



**anexos**



**anexos**  
rainbow rowell

Tradução de Fernanda Semedo

*Para Kai, que é melhor que ficção*



# CAPÍTULO 1

**De:** Jennifer Scribner-Snyder

**Para:** Beth Fremont

**Enviada:** Quarta-feira, 18/08/1999 09:06

**Assunto:** Onde andas?

Será que morrias se chegasses aqui antes do meio-dia? Estou aqui sentada sobre os estilhaços da minha vida tal como a conhecia, e tu... se bem te conheço, acabaste de acordar. Deves estar a comer flocos de aveia e a ver *Sally Jessy Raphael*. Manda-me um e-mail assim que chegares, antes de fazeres seja o que for. Antes mesmo de leres as tiras de BD.

<<**Beth para Jennifer**>> Ok, vou atender-te antes da BD, mas despacha-te. Tenho andado numa discussão com o Derek sobre as razões de *Para o Que Der e Vier* se passar no Canadá, e acho que é hoje que eles vão confirmar os meus argumentos.

<<**Jennifer para Beth**>> Acho que estou grávida.

<<**Beth para Jennifer**>> Quê? Porque achas que estás grávida?

<<**Jennifer para Beth**>> Tomei três copos no sábado passado.



<<**Beth para Jennifer**>> Acho que temos de ter uma conversinha acerca de pássaros e abelhas. Não é bem assim que as coisas acontecem.

<<**Jennifer para Beth**>> Sempre que bebo demasiado, começo a sentir-me grávida. Acho que é por nunca beber; parece mesmo que, aquela *única vez* em que me soltei um pouco, engravidei. Três horas de fraqueza e o resto da minha vida a debater-me com as necessidades especiais de um feto alcoólico.

<<**Beth para Jennifer**>> Acho que não é assim que se chama.

<<**Jennifer para Beth**>> Ele terá os olhinhos demasiado afastados, e toda a gente na mercearia olhará para mim, murmurando: «Vejam só aquela horrível bebédolas. Não consegui prescindir da *Zima*<sup>1</sup> por nove meses. É trágico».

<<**Beth para Jennifer**>> Tu bebes *Zima*?

<<**Jennifer para Beth**>> É muito refrescante.

<<**Beth para Jennifer**>> Não estás grávida.

<<**Jennifer para Beth**>> Estou.

Normalmente, dois dias antes do período, a minha cara rebenta em borbulhas e fico com câibras pré-câibras. Mas a minha pele está limpa como a do rabo de um bebé. E, em vez de câibras, sinto uma estranheza na zona do útero. Quase uma presença.

<<**Beth para Jennifer**>> Desafio-te a ligares para a Linha Saúde 24 e explicares-lhes que sentes uma presença na zona do útero.

<<**Jennifer para Beth**>> Informação: este não é o meu primeiro susto de gravidez. Reconheço que pensar que estou grávida faz, praticamente, parte da minha rotina mensal pré-menstrual. Mas, digo-te, *isto é diferente*. Sinto-me diferente. É como se o meu corpo me estivesse a dizer: «Começou».

Não consigo parar de me preocupar com o que vem a seguir. Primeiro, ficarei enjoada. Depois, ficarei gorda. E a seguir morrerei de aneurisma na sala de partos.

---

<sup>1</sup> Bebida alcoólica comercializada nos Estados Unidos entre 1993 e 2008 [N.da T.]

<<**Beth para Jennifer**>> OU... e a seguir darás à luz uma criança linda (vês como me levaste a participar na tua ficção de gravidez?)

<<**Jennifer para Beth**>> OU... depois darei à luz uma criança linda, que nunca verei, porque ela passa todas as suas horas acordada na creche, cuidada por uma escrava que ganha o salário mínimo e que ela julga ser a sua mãe. Eu e o Mitch tentamos jantar juntos depois de o bebé estar na cama, mas estamos sempre tão cansados! Eu começo a dormir quando ele me conta como foi o seu dia; ele fica aliviado porque também não tinha vontade nenhuma de falar. Come a sua sandes de chili em silêncio e pensa na nova professora boazona de Ciências do Consumo, lá do liceu. Ela usa sapatos pretos de salto alto, meias de vidro e saias de seda artificial que lhe sobem pelas coxas sempre que se senta.

<<**Beth para Jennifer**>> Que pensa o Mitch? (Sobre a Presença no teu útero, não sobre a nova professora de Ciências do Consumo).

<<**Jennifer para Beth**>> Acha que eu devia fazer um teste de gravidez.

<<**Beth para Jennifer**>> Bom homem. Talvez um tipo sensato como o Mitch tivesse ficado mais bem servido com essa professora de economia doméstica (ela nunca faria sandes de chili para o jantar). Mas acho que está preso a ti, principalmente agora que essa criança com necessidades especiais vem a caminho.

## CAPÍTULO 2

— Lincoln, estás com um aspeto horrível.

— Obrigado, mãe. — Tinha de acreditar nela, ainda não se vira ao espelho nesse dia. Nem no anterior. Lincoln esfregou os olhos e penteou o cabelo com os dedos, tentando alisá-lo para baixo... ou para cima. Talvez devesse tê-lo penteado na noite anterior, quando saíra do duche.

— A sério, olha só para ti. E já viste as horas? É meio-dia. Acabaste de acordar?

— Mãe, eu só saio do trabalho à uma da manhã.

Ela franziu a testa, depois estendeu-lhe uma colher.

— Toma — disse-lhe. — Mexe estes feijões. — Ligou a batedeira e quase gritou por cima do seu barulho. — Ainda não percebo o que fazes nesse sítio que não pudesse ser feito à luz do dia... Não, querido, não é assim. Parece que lhes estás a fazer festinhas. É mesmo para *mexer*.

Lincoln mexeu com mais força. Toda a cozinha cheirava a presunto e cebolas e outra coisa qualquer, algo doce. Ele tinha a barriga a dar horas.

— Já te disse — começou, esforçando-se por ser ouvido. — Tem de lá estar alguém. Para o caso de haver um problema informático, e... não sei...

— Não sabes o quê? — Ela desligou a batedeira e olhou-o.

— Talvez queiram que eu trabalhe à noite para não me aproximar de ninguém.

— Quê?

— Bem, se eu começar a conhecer pessoas — disse ele — posso...

— Mexe. Fala e mexe.

— Se começar a conhecer pessoas — ele mexeu — poderei não me sentir tão imparcial quando estou a aplicar as regras.

— Continuo a não gostar que leias o correio das outras pessoas, especialmente à noite, num edifício vazio. Isso não devia ser trabalho para ninguém. — Provou com o dedo o que quer que estava a bater, depois estendeu-lhe a tigela. — Toma lá, prova isto... Em que espécie de mundo vivemos, onde uma coisa dessas é uma carreira?

Ele passou o dedo pelo rebordo da tigela e provou. Era uma cobertura para bolo.

— Sente-se o sabor do xarope de bordo?

Ele assentiu.

— O edifício não está realmente vazio — explicou. — Há pessoas a trabalharem na Redação.

— Falas com elas?

— Não. Mas leio os seus e-mails.

— Isso não está certo. Como é que as pessoas podem exprimir-se num sítio desses? Sabendo que alguém está à espreita nos seus pensamentos?

— Eu não estou nos pensamentos deles. Estou nos seus computadores, nos computadores da empresa. Toda a gente sabe que isto acontece... — Era inútil tentar explicar-lhe. Ela nunca vira um e-mail.

— Dá-me essa colher — suspirou ela. — Vais estragar tudo. — Ele deu-lhe a colher e sentou-se à mesa da cozinha, junto de uma travessa de pão de milho fumegante. — Dantes tínhamos aquele carteiro — disse ela. — Lembras-te? Aquele que lia os nossos postais? E estava sempre a fazer aqueles comentários maliciosos. «Vejo que a sua amiga está a passar uma bela temporada na Carolina do Sul». Ou, «Eu cá nunca estive em Mount Rushmore». Provavelmente, todos os carteiros leem os postais. E o pessoal dos correios. É um trabalho repetitivo. Mas este quase se sentia orgulhoso disso — regozijava-se por o fazer. Acho que até disse aos vizinhos que eu assinei a *Ms*<sup>2</sup>.

— Não é a mesma coisa — disse Lincoln, esfregando outra vez os olhos. — Eu só leio o suficiente para perceber se eles estão a infringir uma regra. Não é o mesmo que ler os diários deles, ou algo do género.

---

<sup>2</sup> Revista liberal e feminista. [N. da T.]

A mãe não estava a ouvi-lo.

— Tens fome? Pareces ter. Também pareces deficiente, se queres saber a verdade. Dá-me essa travessa aí, querido. — Ele levantou-se e entregou-lhe uma travessa, e ela segurou-lhe o pulso. — Lincoln... o que é que tens nas mãos?

— Nada.

— Olha para os teus dedos. Estão cinzentos.

— É tinta.

— Quê?

— *Tinta.*

Quando Lincoln trabalhava no McDonald's, durante o liceu, o óleo de fritar impregnava tudo. Ao voltar para casa, à noite, sentia todo o corpo como sentimos as mãos quando comemos batatas fritas. O óleo impregnava-lhe a pele e os cabelos. No dia seguinte, transpirava o cheiro para as roupas da escola.

No *The Courier*, era a tinta. Uma película cinzenta envolvia tudo, por mais que alguém limpasse. Uma mancha cinzenta cobria as paredes texturadas e os painéis acústicos do teto.

Os editores do turno da noite manejavam cada edição do jornal ainda quente das rotativas. Deixavam dedadas cinzentas nos teclados e nas secretárias. A Lincoln, faziam lembrar toupeiras. Pessoas sérias, com óculos grossos e pele cinzenta. *Talvez seja só a luz*, pensava ele. Era capaz de não os reconhecer à luz do dia. A cores.

Eles não o reconheceriam, certamente. Lincoln passava a maior parte do seu tempo no gabinete de tecnologias de informação, lá em baixo. A sala tinha sido uma câmara escura cerca de cinco anos e duas dúzias de lâmpadas fluorescentes antes e, com todas as luzes e servidores, estar ali era como estar sentado dentro de uma dor de cabeça.

Lincoln gostava de ser chamado à Redação, para reiniciar uma máquina ou instalar uma impressora. A sala da Redação era grande e aberta, com uma longa parede de janelas, e nunca estava completamente vazia. Os editores da noite trabalhavam até tão tarde como ele. Sentavam-se todos juntos numa ponta da sala, sob uma fila de televisões. Havia duas que se sentavam lado a lado, mesmo ao pé da impressora, que eram jovens e bonitas (sim, Lincoln decidira que se podia

ser ao mesmo tempo *bonito* e parecer uma toupeira). Perguntava a si mesmo se as pessoas que trabalhavam à noite tinham encontros românticos durante o dia.

## CAPÍTULO 3

**De:** Beth Fremont

**Para:** Jennifer Scribner-Snyder

**Enviada:** Sexta-feira, 20/08/1999 10:38

**Assunto:** A modos que detesto perguntar, mas...

Já deixaste de fingir que estás grávida?

<<**Jennifer para Beth**>> Não, durante 40 semanas. Talvez 38, a partir de agora.

<<**Beth para Jennifer**>> Isso quer dizer que não podemos falar de outras coisas?

<<**Jennifer para Beth**>> Não, quer dizer que *devemos* falar de outras coisas. Estou a tentar não ficar obcecada.

<<**Beth para Jennifer**>> Bom plano.

Muito bem. Então. A noite passada, recebi uma chamada da minha irmã mais nova. Vai-se casar.

<<**Jennifer para Beth**>> O marido dela não se importa?

<<**Beth para Jennifer**>> A minha outra irmã mais nova. Kiley. Conheceste o na-

morado... *noivo*, Brian em casa dos meus pais no *Memorial Day*. Lembras-te? Gozámos com a tatuagem da fraternidade *Sigma Chi* no tornozelo dele...

<<Jennifer para Beth>> Pois, o Brian. Lembro-me. Gostamos dele, não gostamos?

<<Beth para Jennifer>> Adoramo-lo. Ele é fantástico. É mesmo o tipo de rapaz que esperamos que a nossa filha encontre um dia numa daquelas festas de emborcar *margaritas*.

<<Jennifer para Beth>> Isso é uma anedota de feto alcoólico?

Este casamento é culpa dos teus pais. Eles puseram-lhe o nome Kiley. Estava condenada desde o nascimento a casar com um belo estudante de medicina vestido à moda da fraternidade.

<<Beth para Jennifer>> Não é de medicina, é de direito. Mas a Kiley acha que ele vai acabar a dirigir a empresa de materiais de canalização do pai.

<<Jennifer para Beth>> Podia ser pior.

<<Beth para Jennifer>> Dificilmente podia ser melhor.

<<Jennifer para Beth>> Oh, desculpa, só agora percebi que não são boas notícias. Que disse o Chris?

<<Beth para Jennifer>> O habitual. Que o Brian é um estúpido. Que a Kiley ouve demasiado Dave Matthews. Também disse, «Tenho ensaio esta noite, por isso não esperes acordada, eh, passa-me aí essas revistas, está bem, vais ao casamento? Fixe, pelo menos vou conseguir ver-te outra vez com um daqueles vestidos à Scarlett O'Hara. És uma dama de honor sensual, chega aqui. Ouviste aquela cassete que te deixei? O Danny diz que estou a tocar por cima do baixo dele mas, caramba, estou a fazer-lhe um favor».

E depois pediu-me em casamento. No Mundo Bizarro.

No mundo real, o Chris nunca me pedirá em casamento. E não consigo decidir se isso faz dele uma besta, ou se a besta sou eu, por querer tanto que aconteça. E nem sequer consigo falar com ele acerca disso, do casamento, porque ele diria que *quer*. Em breve. Quando tiver algum impulso. Quando a banda estiver



reencaminhada. Que não quer ser um peso para mim, não quer que eu tenha de o sustentar...

Por favor, não me lembres de que já o sustento – porque isso só é verdade em grande parte.

<<Jennifer para Beth>> Em grande parte? Pagas-lhe a renda.

<<Beth para Jennifer>> Eu pago a renda. Tinha de pagar renda, de qualquer maneira. Tinha de pagar o gás e o cabo e tudo o resto, mesmo que vivesse sozinha. Não pouparia um cêntimo se ele se fosse embora.

Além disso, não me importo de pagar a maior parte das contas agora e não me importaria de o fazer depois de casarmos (o meu pai sempre pagou as contas da minha mãe e a ela ninguém chama parasita).

O problema não é quem paga as contas. O problema é comportar-se como um adulto. No mundo do Chris, é aceitável um tipo viver com a namorada enquanto trabalha numa *demo*. Já não é tão fixe perseguir as suas fantasias com a guitarra quando a esposa é que trabalha.

Se tens uma esposa, és um adulto. Não é isso que o Chris quer ser. Se calhar, também não é o que quero que ele seja.

<<Jennifer para Beth>> Queres que ele seja o quê?

<<Beth para Jennifer>> A maior parte dos dias? Acho que quero o músico de cabelos selvagens. O tipo que te acorda às duas da manhã para ler o poema que acabou de escrever em cima da tua barriga. Quero o rapaz com olhos de caleidoscópio.

<<Jennifer para Beth>> É provável que não haja mais poemas na barriga às duas da manhã, se o Chris arranjar um emprego a sério.

<<Beth para Jennifer>> É verdade.

<<Jennifer para Beth>> Então, estás bem?

<<Beth para Jennifer>> Não. Estou a começar a pôr-me em forma para outro vestido de dama de honor. Sem alças. A Kiley já o escolheu. Estou a milhas de estar bem. Mas acho que não me posso queixar, pois não? Eu quero-o. E ele quer esperar. E eu continuo a querê-lo. Assim sendo, não me posso queixar.

<<**Jennifer para Beth**>> Claro que te podes queixar. Isso é inalienável. Vendo o aspeto positivo, pelo menos não estás grávida.

<<**Beth para Jennifer**>> Nem tu. Faz um teste de gravidez.

## CAPÍTULO 4

Para que ficasse registado — no seu próprio registo interno —, Lincoln nunca se teria candidatado àquele emprego se o anúncio dissesse: «Precisa-se: Alguém para ler os e-mails dos outros. Turno da noite».

O anúncio do *The Courier* dizia, «Oportunidade a tempo inteiro para Agente de Segurança Informática. 40 mil dólares + seguro de saúde e dentário».

Agente de segurança informática. Lincoln imaginara-se a construir *firewalls* e a proteger o jornal de *hackers* perigosos — e não a enviar memorandos sempre que alguém da Contabilidade reencaminhava uma piada de mau gosto à pessoa do cubículo ao lado.

O *The Courier* fora, provavelmente, o último jornal da América a permitir acesso à Internet aos seus repórteres. Pelo menos, era o que Greg dizia. Greg era o chefe de Lincoln, o responsável pelo setor de TI. Ainda se lembrava de quando os repórteres usavam máquinas de escrever elétricas. — E lembro-me — dizia ele, — porque não foi assim há tanto tempo — em 1992. Mudámos para os computadores porque já não conseguíamos comprar as fitas, não estou a aldrabar.

Toda aquela coisa do *online* acontecia contra a vontade da direção, dissera Greg. Para o dono do jornal, dar acesso à Internet aos empregados era equivalente a dar-lhes a opção de trabalhar, se lhes apetecesse, ou de ver pornografia, se não apetecesse.

Mas não ter Internet começava a ser ridículo.

No ano anterior, quando o jornal lançara o seu *website*, os repórteres nem sequer podiam ir ler as suas histórias *online*. E a maioria dos leitores queria enviar as suas cartas ao diretor por e-mail, até os miúdos do terceiro ano e os veteranos da Segunda Guerra.

Quando Lincoln começara a trabalhar no *The Courier*, a experiência da Internet ia no seu terceiro mês. Nessa altura, todos os funcionários tinham e-mail interno. Funcionários-chave e quase toda a gente das secções noticiosas tinham algum acesso à World Wide Web.

Se se perguntasse ao Greg, estava tudo a correr muito bem.

Se se perguntasse a alguém na administração, era o caos.

As pessoas faziam compras e coscuvilhavam; participavam em fóruns *online* e na Liga Fantástica. Havia quem jogasse a dinheiro. E também havia algumas porcarias. «Mas isso não é assim tão mau», defendia Greg. «Ajuda-nos a identificar os tarados».

O pior da Internet, na opinião dos superiores de Greg, era ser agora impossível distinguir uma sala cheia de pessoas a trabalhar diligentemente, de uma sala cheia de pessoas a responderem ao teste de personalidade «Que Raça de Cão És Tu?»

E por isso... Lincoln.

Na sua primeira noite, Lincoln ajudou Greg a carregar um programa novo chamado WebFence. Este supervisionaria tudo o que as pessoas faziam na Internet e na Intranet. Todos os e-mails. Todos os *websites*. Todas as palavras.

E Lincoln supervisionaria o WebFence.

Uma pessoa de mente particularmente suja (talvez Greg) definira os filtros de e-mail do programa. Havia uma lista enorme de bandeiras vermelhas: palavrões, insultos racistas, nomes de supervisores, palavras como «secreto» e «classificado».

Esta última, «classificado», inundara a totalidade da rede durante a primeira hora do WebFence, denunciando todos os e-mails enviados de ou para o departamento de Classificados.

O programa também detetava anexos grandes, mensagens suspeitosamente longas, mensagens suspeitosamente frequentes... Todos os dias, centenas de e-mails potencialmente ilícitos eram enviados para uma caixa de correio segura, e o trabalho de Lincoln era acompanhá-los. Isso implicava lê-los, por isso ele lia-os. Mas não gostava.

Não podia admiti-lo à mãe, mas *parecia-lhe* errado o que estava a fazer, tal como era errado escutar às portas. Talvez, se ele fosse o género de pessoa que apreciava esse género de coisa... A sua namorada, Sam — ex-namorada — tinha a mania de bisbilhotar os armários de medicamentos de outras pessoas. «*Robitussin*», declarava ela no carro, de volta a casa. «E pensos-rápidos genéricos. E uma coisa que parecia para esmagar alhos».

Lincoln não gostava, sequer, de *usar* as casas de banho das outras pessoas.

Se apanhasse alguém a infringir verdadeiramente as regras do *The Courier*, Lincoln teria de seguir um processo complicado. Porém, a maioria das infrações apenas justificavam um aviso por escrito, e a maioria dos infratores percebia o recado à primeira.

De facto, a primeira volta de avisos funcionara tão bem que Lincoln começara a ficar com falta do que fazer. O WebFence continuava a denunciar e-mails, umas dezenas por dia, mas quase todos eram falsos alarmes. Greg parecia não se importar. «Não te rales», dissera ele a Lincoln no primeiro dia em que o WebFence não assinalara um único infrator verdadeiro.

— Não vais ser despedido. Os homens lá de cima adoram o que tu fazes.

— Não faço nada — respondera Lincoln.

— Claro que fazes. És o tipo que lê os e-mails deles. Têm todos medo de ti.

— Quem é que tem medo? Quem são eles?

— Toda a gente. Estás a brincar? Toda a gente do edifício fala de ti.

— Eles não têm medo de mim. Têm medo de ser apanhados.

— De serem apanhados por *ti*. Saberem que andas a espiolhar as suas pastas de «Enviadas» todas as noites é suficiente para seguirem as regras.

— Mas eu não ando a espiolhar.

— Mas podias — disse Greg.

— Podia?

Greg voltou ao que estava a fazer, uma espécie de autópsia a um portátil.

— Ouve, Lincoln, eu já te tinha dito. De qualquer maneira, alguém teria de estar aqui à noite. Alguém tem de atender o telefone e dizer

«Apoio Técnico». Tu estás só aí sentado, eu sei que não tens trabalho suficiente. Não me importo. Faz as palavras cruzadas. Aprende uma língua. Tínhamos uma miúda que fazia renda...

Lincoln não fazia renda.

Lia o jornal. Trazia livros de banda desenhada, revistas e romances de bolso. Às vezes telefonava à irmã, se não fosse muito tarde e se se sentisse sozinho.

Mas, sobretudo, navegava na Internet.

## CAPÍTULO 5

**De:** Jennifer Scribner-Snyder

**Para:** Beth Fremont

**Enviada:** Quarta-feira, 25/08/1999 10:33

**Assunto:** Isto é apenas um teste. Em caso de emergência real...

Está aqui. Volta à tua programação habitual.

<<**Beth para Jennifer**>> Que está aqui?

<<**Jennifer para Beth**>> Tu sabes... *aquilo*, a coisa que te diz que não estás grávida.

<<**Beth para Jennifer**>> *Aquilo*? Estás a falar do teu período? A tua tia Rubi veio fazer uma visita de cinco-sete dias? É... *aquela altura* do mês?

Porque falas como se estivesses num anúncio de pensos higiénicos?

<<**Jennifer para Beth**>> Estou a tentar ser mais cuidadosa. Não quero provocar uma daquelas bandeiras vermelhas e enervar algum cão de guarda informático da empresa, só porque enviei um e-mail acerca *daquilo*.

<<**Beth para Jennifer**>> Não creio que qualquer bandeira vermelha da empresa envolva a palavra menstruação.

<<Jennifer para Beth>> Quer dizer que não estás preocupada?

<<Beth para Jennifer>> Com a tua menstruação?

<<Jennifer para Beth>> Não, com o aviso que recebemos. Aquele que nos dizia para não mandarmos e-mails pessoais. Que podíamos ser despedidos por uso impróprio dos nossos computadores.

<<Beth para Jennifer>> Se estou preocupada que os mauzões do *Tron* leiam o nosso e-mail? Caramba, não! Essa história da segurança não é dirigida a pessoas como nós. Estão à caça dos pervertidos. Dos viciados em pornografia *online*, dos jogadores de *blackjack*, dos espões corporativos...

<<Jennifer para Beth>> Todas essas palavras, provavelmente, levantam a bandeira vermelha. *Pervertidos. Pornografia. Espões.* Aposto que *bandeira vermelha* é uma bandeira vermelha.

<<Beth para Jennifer>> Não me ralo que *estejam* a ler o nosso correio. Força, *Tron!* Desafio-te! Tenta privar-me da minha liberdade de expressão. Sou uma jornalista. Uma guerreira do discurso livre. Sirvo no Exército da Primeira Emenda. Não aceitei este emprego por causa do mau salário nem da cobertura de saúde cada vez pior. Estou aqui pela verdade, pelo brilho do sol, pela abertura das portas fechadas!

<<Jennifer para Beth>> Guerreira do discurso livre. Estou a ver. Estás a lutar por quê? Pelo direito de dar cinco estrelas ao *Billy Madison*?

<<Beth para Jennifer>> Calma aí. Nem sempre fui uma crítica de cinema estragada. Não te esqueças dos dois anos que passei a cobrir North Havenbrook. Dois anos nas trincheiras. Sangrei tinta sobre todo aquele subúrbio. Dei um pontapé no rabo ao Bob Woodward.

Além disso, teria dado seis estrelas ao *Billy Madison*, se as tivesse para dar. Sabes como me sinto acerca do Adam Sandler — e que dou estrelas de bónus por músicas dos Styx (duas estrelas se for o *Renegade*).

<<Jennifer para Beth>> Está bem, rendo-me. A política informática da empresa que se d@ne: o meu período veio ontem à noite.



<<Beth para Jennifer>> Di-lo com barulho, di-lo com orgulho. Parabéns.

<<Jennifer para Beth>> Mas há uma coisa...

<<Beth para Jennifer>> Que coisa?

<<Jennifer para Beth>> Quando veio, não senti o meu habitual furacão de alívio, nem desejos de *Zima*.

Quero dizer, fiquei aliviada — porque, além das *Zimas*, acho que não ingeri nada com ácido fólico nos últimos seis meses. Até posso estar a ingerir coisas que filtrem o ácido fólico do sistema, pelo que fiquei, sem dúvida, aliviada — mas não em êxtase.

Desci para contar ao Mitch. Ele estava a trabalhar em diagramas para a disposição da banda, algo que, em condições normais, eu não interromperia, mas era importante. «Para tua informação», comecei eu, «o meu período veio». Ele pôs o lápis e disse, «Oh». (Assim mesmo, «Oh»).

Quando lhe perguntei porque o dissera dessa forma, ele disse que pensara que, desta vez, talvez eu estivesse mesmo grávida — e que isso teria sido bom. «Sabes que quero ter filhos», disse ele.

«Certo», respondi eu. «*Um dia*».

«Um dia, em breve», disse ele.

«Eventualmente, um dia. Quando estivermos preparados».

Então, ele voltou aos seus diagramas. Nem zangado, nem impaciente. Só triste, o que é muitíssimo pior. Então, eu disse: «Quando estivermos preparados, não é?» e ele disse...

«Estou preparado agora. Estou preparado no ano passado, Jenny, e começo a achar que tu nunca estarás. Nem sequer queres estar preparada. Ages como se ficar grávida fosse uma doença que se pode apanhar nas casas de banho públicas».

<<Beth para Jennifer>> Que respondeste?

<<Jennifer para Beth>> Que podia responder? *Não* estou preparada. E talvez o tenha enganado de todas as vezes que usei as palavras «um dia» e «eventualmente». Não me consigo imaginar com filhos...

Mas antes de conhecer o Mitch também não me conseguia imaginar casada.

Sempre achei que a ideia dos filhos havia de crescer em mim, que todos os desejos saudáveis do Mitch me infetariam e, uma manhã, acordaria a pensar, «Que mundo maravilhoso este, para trazer uma criança!»

E se isso nunca acontecer?

E se ele decidir não perder mais tempo e arranjar uma mulher perfeitamente normal que — além de ser naturalmente magra e nunca ter tomado antidepressivos — também queira ter os seus bebés o mais depressa possível?

**<<Beth para Jennifer>>** Uma espécie de Barbie em permanente estado de ovulação.

**<<Jennifer para Beth>>** Sim.

**<<Beth para Jennifer>>** Como a nova professora ficcional de Ciências do Consumo.

**<<Jennifer para Beth>>** Sim!

**<<Beth para Jennifer>>** Não vai acontecer.

**<<Jennifer para Beth>>** Porquê?

**<<Beth para Jennifer>>** Pela mesma razão que o Mitch tenta semear abóboras gigantes todos os verões — apesar de o teu pátio ser demasiado pequeno, estar infestado de escaravelhos e não receber sol suficiente. O Mitch não gosta de coisas fáceis. Quer esforçar-se um pouco mais para obter as coisas que realmente deseja.

**<<Jennifer para Beth>>** Então, é um idiota. Um idiota cujas sementes não pegam.

**<<Beth para Jennifer>>** Não é essa a questão. A questão é que ele é um idiota que não desistirá de ti.

**<< Jennifer para Beth >>** Não sei bem se tens razão, mas acho que talvez me sinta melhor agora. Por isso, bom trabalho.

<< **Beth para Jennifer**>> Sempre que queiras.

(Sabes que quero dizer sempre que queiras depois das 10h30, mais ou menos, não sabes?)

<<**Jennifer para Beth**>> (Sei).

## CAPÍTULO 6

Jennifer Scribner-Snyder era, de acordo com o diretório da empresa, uma Editora de Artigos de Fundo.

Beth Fremont, Lincoln conhecia. Pelo menos, sabia quem era. Lera as suas críticas de cinema. Era divertida e ele, normalmente, concordava com ela. Por causa dela, fora ver *Dark City – Cidade Misteriosa*, *Flirting With Disaster* e *Um Porquinho Chamado Babe*.

Quando Lincoln se apercebeu de que não enviara um aviso a Beth Fremont e a Jennifer Scribner-Snyder — depois de sabe-se lá quantas infrações, três? meia dúzia? — não se conseguiu lembrar da razão. Talvez por nem sempre conseguir perceber que regra estavam a infringir. Talvez por elas parecerem completamente inofensivas. E simpáticas.

E naquela noite também não podia enviar um aviso, porque elas estavam realmente com medo de receber um. Seria esquisito, não seria? Saber que alguém lera um e-mail que escrevemos sobre a possibilidade de alguém estar a ler o nosso e-mail? Se fosse uma pessoa excessivamente paranoica, poderia pôr-se a pensar que talvez todas as *outras coisas* com que estava preocupada *também* eram verdade. A pessoa poderia pensar: «Estão todos feitos contra mim».

Lincoln não queria ser o mauzão de *Tron*.

E, além disso... Além disso, de certa forma, ele gostava de Beth e

Jennifer, tanto quanto se pode gostar de alguém por ler algum do seu correio eletrônico.

Voltou a ler a troca de mensagens. «Rabo» era definitivamente uma palavra para bandeira vermelha. O mesmo para «blackjack» e «pornografia». Não tinha a certeza no que dizia respeito a «pervertido» e «menstruação».

Eliminou os ficheiros e foi para casa.

— Não tens de me arranjar almoço para levar — disse Lincoln à mãe, apesar de ficar contente quando ela o fazia. Desde que voltara para casa, quase abandonara a *fast food*. Na cozinha da mãe havia sempre qualquer coisa no forno, ou a fritar, ou a ferver, ou a arrefecer numa travessa. Ela estava sempre a meter-lhe recipientes de *pyrex* nas mãos quando ele ia a caminho da porta.

— Não te estou a arranjar o almoço — disse ela. — Estou a arranjar-te o jantar.

— Mas não tens de o fazer — disse ele. Ele não se importava de viver com a mãe, mas há *graus* de viver com a mãe. E ele sabia muito bem que deixar que ela lhe cozinhasse todas as refeições eram demasiados graus. Ela começara a planear os seus dias em torno de o alimentar.

— Não *tenho de* fazer nada — disse ela, entregando-lhe um saco da mercearia com um pesado prato de vidro a tilintar lá dentro.

— O que é que fizeste? — perguntou ele. Cheirava a canela.

— Galinha *tandoori*. Acho eu. Quero dizer, não tenho um *tandoori* ou um *tandoor*, um desses fornos, e também não tinha muito iogurte. Eles usam iogurte, não achas? Eu usei natas azedas. E paprika. Se calhar, é galinha *paprikash*... Sabes, eu sei que não tenho de te fazer o jantar. Mas quero. Sinto-me melhor quando tu comes — quando comes comida a sério e não qualquer coisa que vem numa embalagem. Já ando tão preocupada contigo por não dormires, por nunca apanhares sol...

— Eu durmo, mãe.

— Durante o dia. Devias estar acordado quando há sol, armazenando vitamina D, e dormir à noite, quando está escuro. Quando eras pequenino, nem sequer te deixava dormir com o candeeiro aceso, lembra-te? Interfere com a produção de melanina.

— Está bem — respondeu ele. Não conseguia lembrar-se de uma única ocasião em que tivesse discutido com ela e vencido.

— Está bem, que significa «está bem?»

— Significa, «Está bem, ouvi-te».

— Ah, claro. Então, não significa nada. Leva a galinha, sim? Vais comê-la?

— Vou. — Segurou o saco encostado ao peito e sorriu. Tentou parecer alguém com que ela não precisasse de se preocupar tanto. — Claro que a como — disse. — Obrigado.

Greg estava à espera de Lincoln quando ele entrou no gabinete de TI. A temperatura ali era sempre alguns graus inferior, por causa dos servidores. Poder-se-ia pensar que era agradável. Refrescante. Mas era mais humidade que frescura.

— Olá, Senador — disse Greg. — Pus-me a pensar no que disses-te há uns dias, sobre não teres trabalho suficiente. E arranjei-te uma coisa.

— Ótimo — disse Lincoln com sinceridade.

— Podes começar a arquivar e comprimir todos os ficheiros guardados pelos utilizadores nos últimos seis meses — anunciou Greg, achando claramente que se tratava de uma ideia inspirada.

Lincoln não tinha assim tanta certeza.

— Porque *queres* que faça isso? — É uma perda de tempo.

— Achei que era disso que estavas à procura.

— Eu estava à procura de... Bem, não estava à procura de nada. Só me sentia mal, por ser pago para não fazer nada.

— Agora já não tens de te sentir mal — disse Greg. — Arranjei-te uma coisa para fazeres.

— Sim, mas arquivar e comprimir... Isso pode levar anos. E não tem qualquer interesse.

Greg vestiu o anoraque e pegou numa pilha de dossiês. Ia sair mais cedo para levar o filho ao dentista.

— Não há maneira de te agradar, pois não, Lincoln? É por isso que não tens mulher.

*Como é que ele sabe que não tenho mulher*, perguntou-se Lincoln.

Passou o resto da noite a arquivar e comprimir ficheiros, só para des-

denhar de Greg (se bem que este nunca viesse a reparar que o trabalho fora feito, e menos ainda que fora feito com desdém). Lincoln arquivou, comprimiu e pensou seriamente em despedir-se. Ter-se-ia ido embora imediatamente se estivesse lá alguém para aceitar a sua demissão.

Eram quase dez horas quando se lembrou da galinha *tandoori* da mãe.

O recipiente virara-se e abriu-se no saco de papel, e havia uma poça de molho cor de laranja vivo na carpete por baixo da sua secretária. Kristi, a rapariga que se sentava ali durante o dia, ia zangar-se. Já deixara um Post-it a Lincoln, pedindo-lhe que parasse de comer no seu posto de trabalho, porque estava a encher-lhe o teclado de migalhas.

Lincoln levou o que sobrava da galinha para a sala de descanso do pessoal, no segundo andar. Quase ninguém a usava durante a noite — os editores comiam nas suas secretárias — mas, mesmo assim, tinha mais vida que o gabinete vazio das tecnologias de informação. Ele gostava de todas as máquinas de venda e por vezes a sua pausa coincidia com a do porteiro, mas não naquela noite. A sala estava vazia.

Por uma vez, Lincoln ficou contente por estar sozinho. Pegou num garfo de plástico e começou a comer a sua galinha numa mesa ao canto. Nem se deu ao trabalho de a aquecer.

Foi então que duas pessoas entraram na sala, um homem e uma mulher. Estavam a discutir acerca de qualquer coisa. Amigavelmente.

— Temos de dar algum crédito aos nossos leitores — dizia a mulher, abanando uma secção de desporto enrolada diante do homem e debruçando-se sobre a máquina de café.

— Não consigo — respondeu ele. — Já conheci demasiados.

O homem usava uma camisa branca, suja, e uma gravata grossa, castanha. Parecia não ter mudado de roupa nem ter dormido uma boa noite de sono desde a presidência de Carter. A mulher era mais jovem. Tinha olhos brilhantes e ombros largos, e cabelos que lhe caíam até ao meio das costas. Era demasiado bonita para se olhar para ela.

Eram todas demasiado bonitas para se olhar para elas. Não se conseguia lembrar da última vez que olhara uma mulher nos olhos. Uma mulher que não fosse a mãe. Ou a irmã, Eve.

Se não olhasse, não corria o risco de ter um contacto visual accidental. Odiava aquela sensação — no banco, nos elevadores — quando, inadvertidamente, cruzamos o olhar com alguém e a pessoa se sente

compelida a mostrar que não está interessada. As mulheres por vezes faziam isso, afastavam o olhar com determinação, ainda antes de ele ter consciência de estar a olhar para elas. Uma vez, Lincoln pedira desculpa a uma mulher quando os seus olhares se tinham cruzado por acaso, sobre uma bomba de gasolina. Ela fez de conta que não ouviu e olhou para outro lado.

— Se não arranjares uma namorada — ameaçava Eve —, vou começar a marcar-te encontros com boas raparigas luteranas. Luteranas do núcleo duro, do Sínodo de Missouri.

— Não o farias — dizia-lhe ele. — Se alguma das tuas amigas da igreja conhecesse a mãe, ficarias com a reputação totalmente arruinada. Nunca mais ninguém se queria sentar ao teu lado no estudo bíblico para adultos.

A mulher na sala do pessoal riu-se e abanou a cabeça.

— Estás a ser perverso — disse. Ela estava tão concentrada na sua discussão que quase parecia seguro olhá-la. Usava calças de ganga desbotadas e um casaco verde, leve, que subiu quando se debruçou sobre a máquina. Tinha sardas no fundo das costas. Lincoln desviou o olhar.

— Não há nada de errado contigo, Lincoln — dizia-lhe a irmã. — Já tiveste encontros com mulheres. Já tiveste uma namorada. Não há nada em ti que seja inerentemente «inamorável».

— Essa conversa é para me animar? Porque a única parte que ouvi foi «inerentemente *inamorável*».

Lincoln tinha saído com mulheres. Tinha tido uma namorada. Já vira o fundo das costas de uma mulher. Estivera em concertos, jogos de futebol e festas em caves com a mão nas costas de uma mulher, nas costas de Sam, com os dedos a deslizarem dentro da sua camisola. Sentia estar a praticar alguma intimidade secreta, tocando-lhe quando ninguém estava a prestar atenção.

Lincoln não era inerentemente «inamorável». Saía com uma mulher há três anos. A irmã de um amigo precisava de companhia para ir a um casamento. Dançara toda a noite com o padrinho do noivo, que descobrira ser seu primo em segundo grau, enquanto Lincoln comia exatamente treze bolinhos de queijo e menta.

Não tinha propriamente medo de começar outra vez a sair com mulheres. Só não o conseguia visualizar. Imaginava-se um ano depois, naquela situação confortável, a situação da mão ao fundo das costas. Mas



o primeiro encontro, fazer a rapariga gostar dele... Ele não servia para essas coisas.

— Não acredito nisso — dizia Eve. — Conheceste a Sam. Fizeste-a apaixonar-se por ti.

Na verdade, não fora assim. Nem sequer reparara na Sam antes de ela começar a espetar-lhe os dedos no ombro durante as aulas de Geografia Mundial do décimo ano. «Tens uma bela postura», dissera ela. «Sabes que tens uma verruga na parte de trás do pescoço?» E continuara: «Tenho passado muito tempo a olhar para a parte de trás do teu pescoço. Provavelmente, seria capaz de identificar o teu corpo se tivesses um acidente. Desde que o teu pescoço não ficasse irremediavelmente desfigurado».

Ele corara. E no dia seguinte, ela dissera-lhe que ele cheirava a pêsegos. Ela era barulhenta. E engraçada. (Mas mais barulhenta que engraçada). E não ensaiava nada para o olhar diretamente nos olhos — em público — e dizer: «Não, Lincoln, a sério, tu cheiras a pêsegos». Ela ria-se e ele corava.

Ela gostava de o embarçar. Gostava de ser capaz de o fazer.

Quando ela o convidara para a festa da escola secundária, Lincoln achou que era uma piada, que ela passaria a noite a arreliá-lo diante dos amigos. Mesmo assim, aceitou. E ela não o fez.

Sam era diferente quando estavam sozinhos. Era sossegada — bem, mais sossegada — e ele podia falar com ela de tudo, até de coisas importantes. Ela gostava de falar de coisas importantes. Era sincera e intensa.

Ele não a fizera apaixonar-se por ele. Acontecera, simplesmente.

E ele também a amara.

Lincoln ergueu os olhos para a máquina de café. O homem de camisa amarrotada e a rapariga das sardas tinham desaparecido.